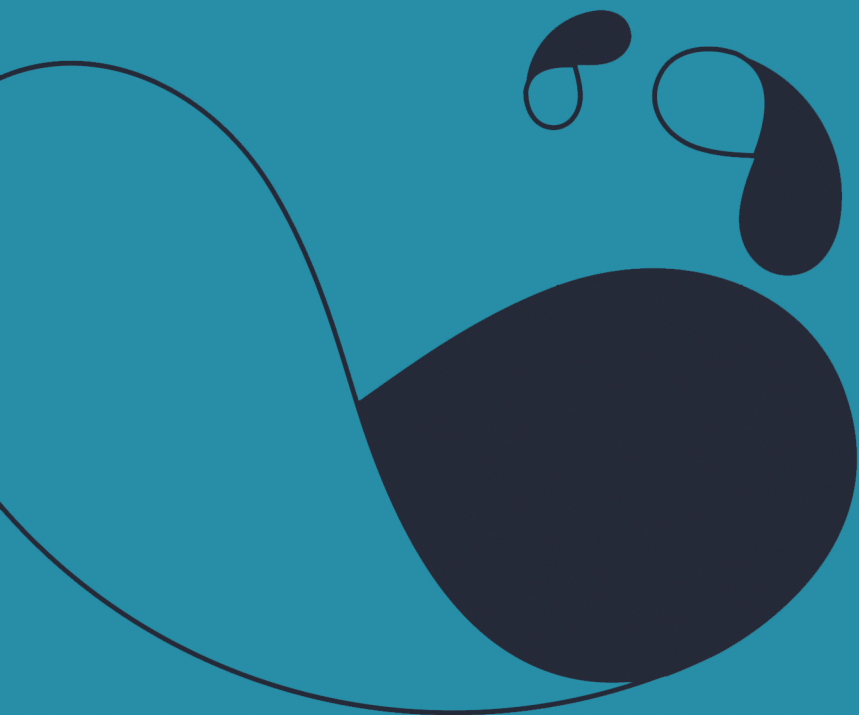


CHINA

**OPORTUNIDADES
PARA A INDÚSTRIA
DE GRÃOS NA CHINA**

2016 





APEX-BRASIL

Roberto Jaguaribe
PRESIDENTE

André Marcos Favero
DIRETOR DE NEGÓCIOS

Ana Paula Lindgren Alves Repezza
GERENTE EXECUTIVA
GERENTE DE ESTRATÉGIA DE MERCADO

Clara Santos
Patrícia Steffen
AUTORAS (GERÊNCIA DE ESTRATÉGIA DE MERCADO - GEM):

SEDE
Setor Bancário Norte, Quadra 02, Lote 11,
CEP 70.040-020 - Brasília - DF
Tel.: 55 (61) 3426-0202 / Fax: 55 (61) 3426-0263
www.apexbrasil.com.br
E-mail: apexbrasil@apexbrasil.com.br

© 2016 Apex-Brasil
Qualquer parte desta obra poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte.



ÍNDICE

SUMÁRIO EXECUTIVO	4
GRÃOS	6
MILHO	7
SOJA	10



SUMÁRIO EXECUTIVO

A China é hoje um grande mercado consumidor de produtos agropecuários e alimentícios importados. Apesar de ser um grande produtor, as limitações do território chinês em recursos como terras aráveis e água restringem as perspectivas de aumento da produção. Ao mesmo tempo, embora a população total esteja estabilizada, seu perfil vem se alterando rapidamente com o crescimento econômico elevando a demanda por alimentos.

Com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, as barreiras para importação de produtos foram reduzidas, e novas demandas por commodities cresceram em razão do aumento da urbanização e da renda média. Nesse contexto, o Brasil vem desenvolvendo relação de mútua importância no fornecimento de alimentos para a China. Em 2014, o Brasil forneceu o correspondente a 18,5% das importações de alimentos totais da China e tornou-se o segundo maior fornecedor, somente atrás dos Estados Unidos. As importações de produtos agropecuários brasileiros cresceram em média 12,7% de 2011 a 2014, tornando a China o principal destino das exportações brasileiras de alimentos.

Outra tendência no mercado foi o significativo aumento da demanda por proteínas animais, impactando tanto no aumento das importações de grãos para a produção de rações, especialmente soja, como nas de carnes. Nesse sentido, as exportações de alimentos do Brasil para a China se concentram principalmente em soja. Porém, com a intensificação das importações de milho e as mudanças na legislação chinesa que retiraram o apoio do governo ao plantio, as exportações brasileiras de milho cresceram significativamente a partir de 2015.

O aumento da demanda por proteínas animais também abriu espaço para as exportações brasileiras de carnes bovina, suína e de frango. Desde a abertura do mercado em 2015, a China tornou-se um dos maiores destinos das exportações brasileiras de carne bovina. Outros produtos exportados pelo Brasil ao mercado chinês são couro, óleo de soja em bruto, açúcar, rações para animais e suco de laranja congelado. O Brasil não possui acordos para exportar frutas frescas no momento, porém está em negociação a abertura do mercado para melões.

Além desses produtos, existem oportunidades para alimentos importados de maior valor agregado. A classe média chinesa encontra-se em franca expansão, e busca não apenas produtos alimentícios de maior qualidade, mas também mais confiáveis. Isso porque o país



registrou vários incidentes de segurança alimentar nos últimos anos, minando a confiança do consumidor chinês em vários setores, particularmente os de laticínios e de carnes.

A modernização do varejo de alimentos no país também favorece a demanda por produtos importados, especialmente com o surgimento e a disseminação de cadeias de supermercados de alto padrão nas grandes cidades. Nesse sentido, há oportunidades em nichos de mercado como leite em pó, vinho, sucos de frutas e café.

Com uma população de 1,3 bilhão de pessoas, a expectativa é que as exportações aumentem, já que as negociações sanitárias e fitossanitárias entre Brasil e China vêm se intensificando a cada ano.



OPORTUNIDADES SELECIONADAS DE ALIMENTOS E BEBIDAS PARA A CHINA

GRÃOS

A China é um dos grandes produtores mundiais de alimentos. Em 2015, produziu cerca de 21% da produção global de milho, 17% da produção de trigo e 30% da produção de arroz. Além disso, é responsável por 51% da produção de porco e 15% da produção de frango, e está entre os cinco maiores produtores de carne bovina. Para garantir a segurança alimentar no país, o governo chinês vem investindo na agricultura e no desenvolvimento de produção em grande escala de aves e suínos que demandam grande quantidade de milho e soja para ração animal.

Apesar de ser um grande produtor, o país é dependente das importações de grãos de produtores tradicionais como os Estados Unidos e o Brasil. Com populações em crescimento nas cidades chinesas e em outras partes da região, as empresas asiáticas têm focado a oferta do Brasil, principal país exportador de soja para a China. Os chineses sempre quiseram comprar soja direto dos produtores, mas nos últimos anos perceberam que seria mais vantajoso investir na cadeia desde a origem³⁰.

Nesse contexto, a presença chinesa no setor tem crescido, em parte, por meio de aquisições. A estatal COFCO comprou 51% da trading de grãos holandesa Nidera e 51 % da Noble, com sede em Hong Kong, em abril de 2014. Em 2016, companhias chinesas Hunan Dakang e sua controladora Pengxin compraram 57% da Fiagril, processadora de grãos brasileira, para assegurar a oferta futura ao país.

Essas aquisições desafiaram gigantes do comércio global de commodities que tradicionalmente operavam como a ponte entre produtores agrícolas e consumidores. Segundo matéria publicada pelo Estadão, as grandes empresas de commodities continuam a ser Bunge, Cargill, ADM e Louis Dreyfus. Porém, a COFCO já está entre as cinco maiores empresas exportadoras de grãos do Brasil. Além disso, a mudança no mercado segue os esforços das tradings asiáticas para adquirir infraestrutura, como terminais portuários, para tornar seus negócios de exportação mais eficientes e assim ganhar vantagem em um mercado em que as margens são tipicamente apertadas.

³⁰ O termo "originação" tem como função descrever o papel destinado a algumas empresas em coordenar o suprimento de matérias-primas. Os originadores envolvem as cooperativas, corretores, armazenadores e tradings.



Uma pesquisa realizada pelo Reuters mostra dados de como a estrutura do mercado brasileiro mudou dramaticamente nos últimos anos. Em 2003, as companhias ABCD compraram cerca de 57% das cargas de grãos vendidas pelo Brasil, enquanto as compras diretas por empresas asiáticas representaram 9%. Já em 2014, as compras pelas companhias ABCD, com sede nos Estados Unidos e na Europa, responderam por 46% dos grãos exportados pelo Brasil, em comparação com 36% das empresas da Ásia.

MILHO

A China é um dos maiores produtores de milho, representando cerca de 21% da produção mundial. A maior parte da plantação de milho está localizada ao norte e noroeste de Xangai. As principais províncias produtoras são Inner Mongolia, Hebei, Henna e Shandong. Atualmente, 60%³¹ da produção de milho é usada para consumo animal, 30% é industrializado e somente 10% é voltado para consumo humano ou usado como sementes para plantio.

A rápida urbanização e o aumento da renda fizeram que a demanda por proteína animal crescesse. Nesse contexto, o aumento da produção de carne reflete a transição de fazendas em pequena escala para fazendas comerciais modernas que substituíram formas tradicionais de alimentar os animais pelo milho. O aumento da produção de milho obteve um crescimento de 31,5% de 2010 a 2015. Dados da FAO mostram que em 2000 o número de porcos no país era de 395,7 mil e em 2014 o número chegou a 480 mil³², representando um crescimento de 21,3%.

Observa-se no Gráfico 18 que a produção de milho superou a demanda pelo produto nos últimos anos e a expectativa é que o mesmo aconteça até 2016. Porém, a previsão para os próximos três a quatro anos é que a produção de milho da China desacelere significativamente, já que o governo está modificando o seu apoio aos produtores de milho.

³¹ USDA- Prospects for China's Corn Yield Growth and Imports

³² FAOSTAT

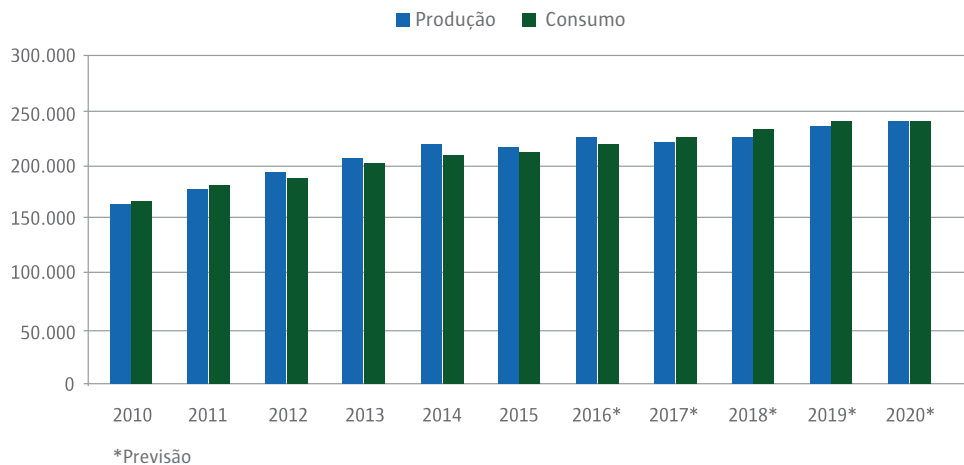


Gráfico 18

Produção e consumo de milho – mil toneladas (2010-2020)

Fonte: Business Monitor International

Em 2013, o governo excluiu a cultura do milho da política de autossuficiência que conduziu a produção nas últimas duas décadas. Desde 2008, o Governo apoiou o preço da safra do milho no nordeste da China e a compra de estoques a um preço mínimo e aumentou esse preço em 2010, 2011, 2012 e 2013. A área cultivada atingiu 37 milhões de hectares em 2015, comparado aos 23 milhões de hectares em 2001, de acordo com dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Em contraste, a soja foi cultivada em 6,8 milhões de hectares em 2015, abaixo dos 9,3 milhões de hectares há 15 anos. No entanto, em 2013 e 2014, os Estados Unidos tiveram uma boa safra após três anos de seca, o que resultou na queda do preço internacional do milho.

Depois de anos de investimento, em abril de 2016, o governo chinês anunciou o fim do programa de estocagem de milho e o controle interno de preços. Por isso, a previsão é de queda no preço, e muitos agricultores já pensam em investir em culturas mais lucrativas como a soja, o arroz e o amendoim.

Além disso, espera-se que a China comece a permitir a comercialização de sementes de milho geneticamente modificadas (GM)³³ a longo prazo, o que irá aumentar a produtividade e acelerar a produção. O milho transgênico tem o potencial de aumentar significativamente a produção de milho, chegando perto dos principais produtores como Estados Unidos e Brasil.

³³ Business Monitor International-BMI



Enquanto a comercialização de sementes de milho geneticamente modificadas não acontece, o governo chinês procura equilibrar a crescente demanda de milho para alimentação do setor pecuário. Embora a China continue a assegurar que 95% do trigo e do arroz sejam cultivados domesticamente, o governo adotou uma posição menos rígida em relação à política de autossuficiência do milho. Nesse contexto, espera-se que o país importe mais a médio prazo, a fim de atender ao aumento da demanda de ração animal.

Em relação às importações de milho, a China importou o total de US\$ 1,11 bilhão em 2015, o que representou um crescimento de 50% em relação a 2014. As exportações brasileiras de milho para semeadura foram no valor de US\$350. Embora estatísticas chinesas registrem somente exportações brasileiras de milho para semeadura no valor de US\$ 351, o Brasil exportou US\$30,35 milhões de milho exceto para semeadura. As exportações brasileiras de milho exceto para semeadura foram de US\$ 4,49 milhões em 2014 para US\$ 30,35 milhões em 2015, representando um aumento de 576%.

O Brasil é o segundo maior exportador mundial de milho. Em novembro de 2014, Brasil e China assinaram um protocolo que habilitou o país a exportar milho ao país asiático. No momento, o Brasil está negociando com a China a habilitação de variedades de milho transgênico que são cultivadas em solo brasileiro. A habilitação destas variedades aumentará significativamente a capacidade de fornecimento do grão à China.

Subgrupo	Importações totais em 2015 (US\$)	Crescimento médio das importações 2011-2015 (%)	Exportações brasileiras em 2015 (US\$)	Crescimento médio das exportações brasileiras 2011-2015 (%)	Participação brasileira em 2015 (%)
Cereais em grão e esmagados: milho	1.110.498.801	17,52	351	-44,00	0,00
Total	1.110.498.801	17,52	351	-44,00	0,00

Tabela 9

Oportunidades para soja na China em 2015. Fonte: UN Comtrade



Em 2011, os Estados Unidos foram o principal país a fornecer milho para a China, com 96,32% de participação de mercado. As importações de milho dos Estados Unidos foram interrompidas em 2013-2014, quando oficiais da General Administration of Quality Supervision, Inspection and Quarantine (AQSIQ) descobriram que o milho exportado era geneticamente modificado e essa variedade não tinha aprovação. Até metade de 2014, chineses já tinham rejeitado 1,25 milhões de toneladas de milho proveniente dos Estados Unidos. Em 2015, a participação nas importações chinesas diminuiu para 11,06%. A busca por outros fornecedores levou a Ucrânia a ser o maior fornecedor, com 78,97% de participação, e o Laos foi o terceiro maior, com 3,54%.

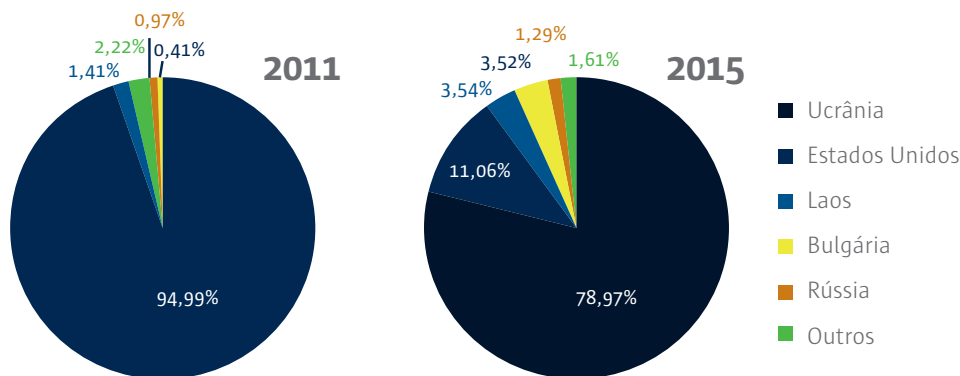


Gráfico 19
Principais fornecedores de milho em 2011 e 2015

Fonte: UN Comtrade

A expectativa é que as exportações de milho aumentem. Em 2016, tradings chinesas vieram ao Brasil e levaram 96 mil toneladas do cereal, 88% mais do que em igual período de 2015, de acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). A previsão é que a China continue importando cada vez mais milho, já que o governo reduziu o apoio.

SOJA

O país é um grande importador do grão e seu consumo supera a produção. Em 2015, a produção de soja foi de 12,1 bilhões de toneladas, enquanto o consumo foi de 86,8 bilhões, atendendo somente 14% da demanda de soja no país. De acordo com o Gráfico 20, a previsão é que a produção de soja continue a cair. Apesar de a soja ter recebido apoio do governo, a produtividade do grão no país estagnou durante vários anos, em torno de 1,7-1,8 toneladas por hectare devido à produção em pequena escala, falta de técnicas agrícolas, como a rotação de culturas de soja, e acesso limitado a melhores insumos. Além disso, o governo tem favorecido a produção nacional de trigo, arroz e milho em detrimento da soja. Por isso, a tendência de aumento da produção é baixa para os próximos anos.

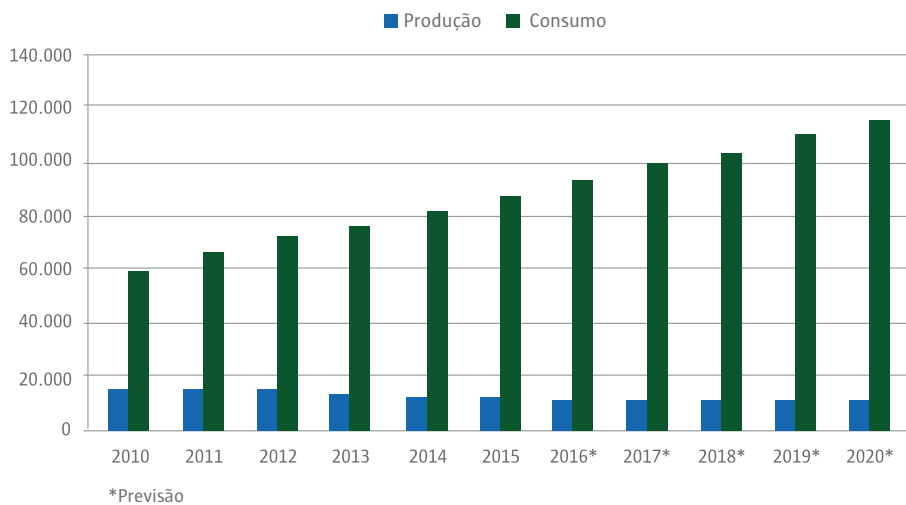


Gráfico 20

Produção e consumo de soja – mil toneladas (2010-2020)

Fonte: Business Monitor International

O consumo de soja em 2015 foi de 86,8 milhões, e a previsão é que o consumo continue a crescer em torno de 5,83%, chegando a 115,2 milhões de toneladas em 2020. Para suprir o déficit, as importações de soja continuarão a ser prioridade e serão impulsionadas pelo baixo preço internacional, aumento da produção em escala da criação de aves e porcos e grande capacidade do país de industrialização do óleo de soja.

O desenvolvimento de explorações de suínos e aves industrializados em grande escala em detrimento da tradicional criação no quintal vem de mãos dadas com as práticas de alimentação modernas, que geralmente utilizam grandes volumes de soja. Cerca de 85% da soja é esmagada e grande parte é destinada a ração animal.

Além disso, os chineses estão dispostos a importar a soja e esmagá-la internamente. A capacidade de esmagamento vem crescendo e foi estimada em cerca de 130 milhões de toneladas/ano em 2014, em comparação com apenas 61 milhões toneladas em 2005³⁴. A depreciação do Yuan em conjunto com grande quantidade de soja importada aumentará as exportações de óleo de soja.

Subgrupos	Importações totais em 2014 (US\$)	Crescimento médio das importações 2011-2014 (%)	Exportações brasileiras em 2014 (US\$)	Crescimento médio das exportações brasileiras 2011-2014 (%)	Participação brasileira em 2014 (%)	Oportunidade
Soja mesmo triturada	40.265.687.349	6,30	18.724.114.700	16,67	40,56	Consolidado
Total	40.265.687.349	6,30	18.724.114.700	16,67	40,56	

Tabela 10

Oportunidades para soja na China em 2014. Fonte: UN Comtrade

³⁴ Business Monitor International



De 2011 a 2014, as importações chinesas de soja somaram US\$ 40,2 bilhões e aumentaram 6,30% em média ao ano. O crescimento médio das exportações brasileiras foi de 16,67%, com participação brasileira de 40,56%. De acordo com a metodologia da Apex-Brasil, a oportunidade está classificada como consolidada, já que o Brasil é o maior fornecedor com mais de 30% da participação, e as exportações brasileiras de soja continuam a crescer.

Como se observa no Gráfico 21, a importação de soja mesmo triturada está concentrada em seis países. O Brasil foi o maior fornecedor em 2014 e ganhou mais de seis pontos percentuais de participação de mercado em comparação com 2011. O país que mais perdeu participação de mercado para o Brasil foi a Argentina, que saiu de 14,55% em 2011 para 8,35% em 2014, enquanto a participação dos Estados Unidos caiu de 42,32% para 40,56%.

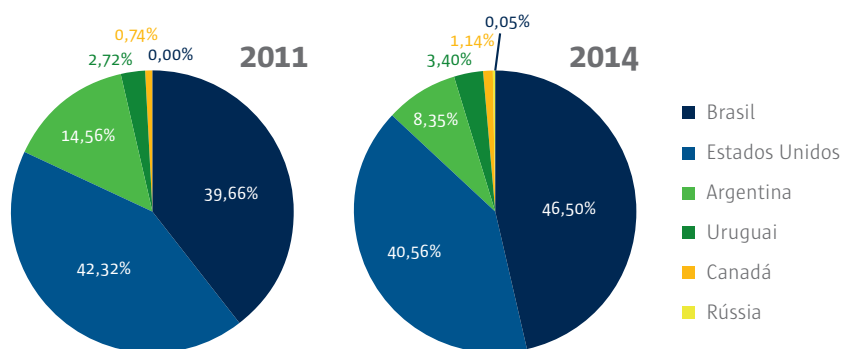


Gráfico 21

Principais fornecedores de soja mesmo triturada em 2011 e 2014

Fonte: UN Comtrade

Outros países, como Uruguai, Canadá e Rússia, tiveram pequenas contribuições que representaram somente 4,59%. A previsão é que a China continue a depender das importações de soja, uma vez que a produção está em declínio e representará somente 10% da demanda em 2020. Porém, a previsão é que o consumo e as importações crescerão lentamente nos próximos anos devido à diminuição no crescimento do PIB e à demanda do país por carne e ração para animais. Sendo o Brasil um dos maiores produtores de soja, a previsão é que o país continue a ser um dos principais fornecedores do grão para a China.



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES EXTERIORES

